

1ª BIENAL INTERNACIONAL DE GRAFFITI EM BELO HORIZONTE

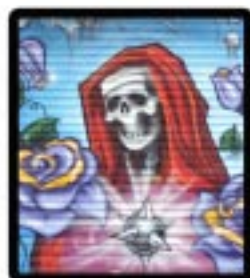


Revista Especial Rap Brasil

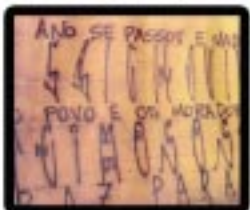
GRAFFITI

ARTE E CULTURA DE RUA

Produções Mundo Bomb



Arte na Augusta



Justiceiros da Tinta



MAC na Bahia



Entrevista com:

ECO



NUMERO 4,90



anuncio escala

3º Mundo

Cultura de Rua



www.fotolog.com/3mundo_point
terceiro-mundo@hotmail.com

Loja Galeria

R. 24 de Maio, 62
3º andar - loja: 468 f: 11-3361-8045
www.myspace.com/teceiromundoshop



3º MUNDO

Loja Tucuruvi

R. Dr. Antonio Maria Laet, 15
(esquina com Av. Tucuruvi).
www.myspace.com/tresmundo
F: 55 - 11- 2267-0411 / 2203-1969



KRES (JAPÃO/2008)

DNINJA E DOES NA EUROPA	6-9
VIDA E MORTE	10
ECO	11-18
JUSTICEIROS DA TINTA	19-21
HALL OF FAME	22-27
PRODUÇÕES	29-37
BOMB	38-39
BIENAL	40-44
NOVAS	45-51

Dicas para você colaborar com a revista. e-mail: docgraffiti@gmail.com

- 1- Tamanho da imagem sugerida: 500 kb no máximo.
- 2- Mandar apenas duas fotos por e-mail.
- 3- Selecionar apenas as melhores fotos, no máximo três por mês.
- 4- Salvar os arquivos com nome, data e local.
- 5- Se não souber fazer a montagem, mandar as fotos separadas.
- 6- O tempo entre a seleção das imagens para a revista e a publicação, é de aproximadamente 3 meses.
Então, favor não enviar fotos repetidas.
- 7- Tenha paciência e dedicação para que suas obras sejam publicadas na hora certa.
- 8- Usar apenas o e-mail da revista, pois as fotos que chegarem por outros e-mails serão automaticamente deletadas.
- 9- Matérias para seleção devem conter fotos e pequeno texto sobre o assunto.



EDITOR RESPONSÁVEL: Alexandre De Maio

criação e projeto gráfico:

Alexandre De Maio, Binho Ribeiro e Marques Rebelo

REDAÇÃO: Virgínia Rodrigues

VENDE DE ANÚNCIOS: Marques Rebelo (11) 3857-1823

REDAÇÃO: Rua Iapá, 513 Casa Verde - CEP 02512-020

São Paulo - SP - Fone: (11) 3857-1823

E-mail: doograffiti@gmail.com

Número 45, ISSN Nº 1519-1567



www.escala.com.br

Av. Profº Ida Kolb, 551, Casa Verde, CEP 02518-000, São Paulo (SP), Brasil Tel.: +55 (11) 3855-2100
Fax: +55 (11) 3851-7313 Caixa Postal: 16.381, CEP 02590-073, São Paulo, SP, Brasil

EDITORIAL - Diretor: Sandro Alcino **Pré-imprensa:** Cintia Keira dos Reis **Produção:** Fernanda de Macedo Alves Guedes e Rosana Associação **Revisão:** Mariana Góis

PUBLICIDADE publicidade@escala.com.br - Paulo Sérgio de Moraes e Adriana Gouveia Leal (telefone) Fax: +55 (11) 3855-2132

COMUNICAÇÃO: Patrícia Figueira **Assessora de Imprensa:** Júlia Farquim

VENDAS DE REVISTAS E LIVROS
Tel: +55 (11) 3855-1000 escevb@escala.com.br

ATACADO DE REVISTAS E LIVROS
Tel: +55 (11) 4448-7990 atacado@escala.com.br

CENTRAL DE ATENDIMENTO
Tel: +55 (11) 3855-1000 Fax: +55 (11) 3857-9643
atendimento@escala.com.br

Distribuição com exclusividade para todo o BRASIL, Fernando Chingaglia Distribuidora S.A. Rua Teodoro da Silva, 907, Tel.: +55 (21) 2185-3200. Números anteriores podem ser solicitados ao seu jornaleiro ou na central de atendimento ao leitor, ao preço do número anterior, acrescido dos custos de postagem.

Diak Banca: Sr. jornaleiro, a Distribuidora Fernando Chingaglia atenderá os pedidos dos números anteriores da Editora Escala enquanto houver estoque.

Filial:



OCIANO
IMPRESSÃO E ACABAMENTO
Cooperativa Indústria Gráfica Ltda.

Nós temos uma ótima impressão do futuro

Respeitar para ser Respeitado

EDITORIAL

A rua tem suas leis de conceito, respeito, humildade e atitude, entre artistas e escritores iniciantes e os mais antigos e respeitados.

Os que estão chegando agora, ainda sem saber pintar ou mesmo ter um estilo, às vezes se deixam levar pela vontade e saem "atropelando" a história escrita em agendas de pixo, bombs e até em produções, ou mesmo procurando um lugar de grande exposição para mostrar o quanto ainda é inocente e desinformado. Queimando o próprio filme e sendo tirado de moleque, provavelmente será atropelado. Uma maneira ruim de ficar conhecido como "Bafo" ou "Toy" na linguagem da rua.

É preciso conhecer, estudar antes de sair para pintar, talvez aprender primeiro a se controlar para não destruir a história, e aos poucos ser também respeitado. Se não sabe cantar, não vai pegar o microfone e fazer o show, isso só vai estragar sua imagem e seu nome.

Em um mundo cheio de artistas, o espaço na cidade fica para quem chegar primeiro, e se estiver limpo, a história recomeça. No Brasil, o respeito vem em primeiro lugar; seja um tag de giz, pixo ou bomb, o muro é de quem chegou primeiro, se arriscou e pintou, e a ele pertence. Na rua é assim.

Hoje, com um volume de artistas muito grande, que não cabe na revista nem se ela tivesse 300 páginas, é com grande prazer que enfrentamos o desafio de tentar selecionar o maior número de trabalhos com grande nível técnico e conceitual nas matérias e publicações. Com muita dificuldade de edição, um grande volume de boas obras fica de fora, às vezes, porque a foto não está boa, ou por não ter espaço para publicação mesmo. Isso também ocorre com matérias e eventos que acontecem por todo o país.

Já está na hora de outros artistas começarem a fazer zines, vídeos, sites e revistas, aumentando as publicações e construindo um mercado que cresce, mesmo sem apoio.

Diversas lojas de Graffiti estão abrindo po todo o país, então, deve haver alguém precisando divulgar isso. Por que não nessas pequenas publicações? Entendo que é preciso fazer mais, e reclamar menos.

O mercado de Graffiti hoje no Brasil está muito parecido com o do Skate em 1985, quando nas lojas de surf só havia um balcão com algumas peçinhas gringas. Aos poucos o Skate foi crescendo e hoje temos aí um mercado enorme e produtivo, apoiando eventos, atletas e revistas. Se precisamos de apoio, devemos seguir os que venceram o preconceito e se profissionalizaram, aprender com os mais velhos e sábios, ser inteligente. Ser respeitado, viver de arte, ser independente.

Sim, você pode!!!

São Paulo, 13 de dezembro de 2008

Binho Ribeiro



FATE (SP/2008)

DNINJA E DOES NA EUROPA



Berlim - Alemanha



Amsterdã - Holanda



Viena - Áustria

Os artistas DNinja e Does viajaram para a Europa entre os meses de julho e agosto, passando por vários países. "Nessa viagem conhecemos muitos lugares, como Paris e Strasbourg, na França, Berlim, Munique e Kalrsrue na Alemanha, Amsterdam na Holanda, Zurick na Suíça, Viena na Áustria, Zagreb na Croácia e uma cidade da Eslovênia que nem sei o nome", relembra Does.

Eles foram convidados para participar de um evento em Berlim que tem o apoio da Belton e da Graffiti Shop Writers Corners. "...dai em diante, começou a correria para conseguir as passagens, que com certeza é a parte mais difícil, e acabamos conseguindo em cima da hora. Mas acabou correndo tudo bem", explica o artista de rua que também falou sobre a viagem. "Tirando as turbulências... Do início ao fim da viagem foi tudo uma maravilha. Em outro país você acaba esquecendo dos problemas que poderá encontrar pelo caminho. A falta de falar um bom inglês dificulta muito nesses casos; você vai pedir uma informação e as palavras fogem, ou as pessoas lhe perguntam e você não entende. E olhar para as placas e não entender nada, principalmente na Eslovênia e na Croácia, onde o idioma é muito diferente. Na Eslovênia a polícia é bastante rígida, difícil para migrar. Nessa ocasião, nosso ônibus acabou ficando preso por algum tempo na fronteira, mas depois de muita cansaça, acabamos prosseguindo viagem.



Honaiti, Dijon, Fribourg, Ulm, Struga e Vark (Berlim - Alemanha)



Amsterdã, Paris, Dorn e Jussieu (Paris - França)



Dorn, Paris, Does e Lika (Strasbourg - França)

Conhecer outras culturas, outras culinárias e novas pessoas foi uma experiência muito boa para nós. É quase tudo diferente daqui do Brasil: trens que passam dos 200 Km por hora, estações de Metrô sem catracas, Chesseburger de 12 Euros..... Só longe daqui mesmo”.

“Cada cidade deixou sua marca”, contou DNinja. “De cada cidade trouxemos recordações. Em Paris, por exemplo, quando o Does chegou participou de um encontro com cerca de 50 pessoas. Todos combinaram as cores e fizeram uma extensão grande de muro, com todas as letras das mesmas cores. Outra coisa diferente em Paris é que não existe a quantidade de muros que têm por aqui, e todos os graffitis são feitos de forma ilegal, em locais quase nunca são visíveis na rua. Isso acaba fazendo com que os muros sejam renovados em no máximo uma semana. Em Berlim você encontra muita coisa pela rua, mas também são renovados com frequência. Existem muitos ‘Rooftops’ espalhados pela cidade e uma quantidade muito grande de escritores, e a cada esquina um restaurante com comida típica de diversos países. As estações de trem e toda sua extensão férrea está completamente cheia de graffitis e tags, você não consegue ver um espaço



Does (Berlim - Alemanha)



Dninja (Amsterdã - Holanda)



Lurak, Does e Struck (Zagreb - Croácia)



Trens double deck (Amsterdã - Holanda)



Berlim - Alemanha



Viena - Austria



Does e Peco (Paris - França)





Lagü, Deaja e Unbek (Berlim - Alemanha)



Dies (Paris - França)



Deaja (Berlim - Alemanha)



Dvex, Smack, Kryn e L'Amir (Zagreb - Croácia)



Kase, Dvex, Hobbie, Dvexes, Dvex, Astro & Esty (Paris - França)



Pisco, Sviza, Dvex e Nosa (Paris - França)

vazio, realmente existe muita coisa em Berlim. Já Amsterdam é uma cidade cortada por rios. É muito bonita e a cena do Graffiti também é forte por lá. Os trens amarelos de dois andares chamam muito a atenção por onde passam. Quem sabe se alguém ficasse esperando passaria algum trem pintado circulando.

A arquitetura de Amsterdam é muito diferente da do Brasil, não se vê casas. Geralmente são prédios de cinco andares e as ruas têm um fluxo gigante de bicicletas. Viena é uma cidade linda e muito limpa, com monumentos gigantes e uma arquitetura maravilhosa. É muito difícil ver um tag na rua; o graffiti você encontra em encostas de rios, lugares abandonados e muros que cercam as linhas de trem e metrô. Em Zagreb, um cidade bem diferente e ainda com marcas de guerra, tem muitos bombs espalhados pelas ruas, muitos tags também. Existem muitos escritores em Zagreb, mas a principal dificuldade na cidade foi a comunicação, pois o idioma é bem diferente e as comidas também. O legal é que lá existe cerveja em garrafa pet de dois litros", finaliza a grafiteira.

AGRADECIMENTOS: Laurent (Bwexo), Pisko, Astro, Esty, Psf, Malik, Kryot, Lunar, Smack, DeJoe, Aninha, Kera, Dask, Jacktwo, Boher, Spre, Laguna, Karski, Nasy, Anouk, Ment, Eriko, Rico, Bimbo, Dka Crew, Odv Crew, Toys and Noise, Ministério de Cultura e Juventude Cidadã.



Subway Paris - França



Tgv - França



Strasbourg - França



Dois e Breixo (Paris - França)



Berlin - Alemanha



Paris Subway - França



Dois e Kero (Berlim - Alemanha)





VIDA E MORTE

Exposição de Pankill, Alexandre Anjo e André Firmino em 20 de setembro de 2008, na Carmichael Gallery, Hollywood, EUA.

Muitos artistas brasileiros já expuseram obras nesse espaço. Aqui vai um dos arquivos de fotos do rolê e dos arredores da galeria

Para saber mais: www.carmichaelgallery.com



MARCELOECO

Entrevista: Binho Ribeiro

Fotos: Arquivo pessoal



“ECO trouxe a história do Graffiti do morro e das periferias de São Gonçalo para diversos projetos relacionados ao socio-educacional. Foi transformando latinha por latinha, spray por spray, em uma arte plasticamente envolvida de muita poesia, lirismo e alguns conceitos religiosos, que se parecem mais com ditos populares por serem profundos e ao mesmo tempo de fácil entendimento.

Seus trabalhos possuem cada vez mais uma expressão

facial intrigante, como a de quem estaria admirado ou perplexo com a beleza e a crueldade da “enraizada” cidade maravilhosa. Sempre indagando o lugar comum das coisas, a monocromia de seus últimos trabalhos pode transformar o azul em algo agonizante, e o vermelho em esperança. Algo parece estar fora do lugar, mas através de seu jet, podemos entender melhor o porquê.

Marcelo Yuka



COMO FOI SEU CONTATO COM A ARTE?

Desde pequeno, sempre desenhei por influência dos quadrinhos, e estudei muito tempo revistas e fotos da figura humana. Mesclo o traço da HQ com o realismo. Até hoje, a minha maior influência são as pessoas e o que elas fazem, por isso que na maioria das vezes conto histórias. Quando desenho, penso em segmento.

E COMO VOCÊ CHEGOU AO GRAFFITI? CONTE UM POUCO DE SUA TRAJETÓRIA NO INÍCIO.

Na adolescência, por volta de 1993, comecei a ser influenciado pela pixação. Meu primo era pixador em Niterói, seu codinome era NASO, que por sua vez também é primo de um grande pixador das antigas de Niterói, o CRUEL, da Jovem. Foi ele quem me ensinou a caligrafia da pixação... A tinta sempre esteve presente nas veias da família. Eu, jovem de classe média baixa, morador do bairro do Laranjal em São Gonçalo, e sem muitas opções favoráveis a seguir, escolhi entre várias que me foram oferecidas a pixação. Meu desenho no Graffiti sempre foi mesclado, e até hoje em São Gonçalo existem marquises com minhas pi-xações e desenhos acoplados. Comecei a grafitar por influência da pichação. Fiz nome e pixei em áreas como São

Gonçalo, Niterói, Centro e Baixada do Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais. Parceiros que me acompanharam na pixação da época foram: Avião DSG, Funk SS, Rasta AR, Dono SU, Dafo SU, Paiga, Roger, Cubano DSG, Sel AR, Cyck DSG, Park AF, Nação AF, Rak, Lara, Kanal AZP, Oca DSG, Sexo SS, Cico SS, Sucoast, Crack AR, Sander AR, Boris SS, Orio, Akio APJ, Remo, Clan, Teia, Menor AZ.

Em 1996 eu estudava em um colégio da Rede Pública de São Gonçalo no horário noturno, e estava todo pixado, por dentro e por fora. Então, recebi a visita do grafiteiro Ema, que foi ao colégio para me conhecer após visualizar meus graffitis pela cidade, como ele mesmo disse. Sempre curti fazer graffitis ilegais... O Ema já fazia pixações e graffiti ilegal e comercial. Eu só o conhecia de algumas matérias em jornais locais. Como sempre curti a parte ilegal, não ligava muito para os tramos comerciais no início. Eu havia formado muitas ideologias, e após esse dia, eu e o Ema grafitamos juntos durante muito tempo. Após alguns anos, conheci grandes amigos grafiteiros como o Akuma, os Scrawl, hoje Scrau, Reis e Ales. Até essa época, eram os únicos que estavam começando a pintar nas ruas do Rio de Janeiro. Depois de algum tempo, apareceram os grafiteiros de São Paulo no Rio de Janeiro: Binho, Speto... Todos realizando alguns trabalhos na cidade.

“SEMPRE CURTI HQ, E OS DESENHOS QUE FAZIA NAS MARQUISES ERAM NO ESTILO ANIMADO...”

Por volta de 1997, conheci os graffitis do Binho, pois aconteciam festas de Hip-Hop no morro Santa Marta e ele pintava durante o evento. Em 1998, com o fechamento do Circo Voador na Lapa, pelo Prefeito César Maia, nasceu a festa “Zoeira”, da produtora Elza Cohen, e foi lá, após alguns anos, que conheci os grafiteiros que criaram a “Nação Crew”. Durante anos nos reuníamos no Centro do Alcantara, em São Gonçalo, onde grafitávamos na linha do trem, e lá surgiram grafiteiros de diversos cantos do Rio de Janeiro, como Pavuna, de Macaé, no interior do Estado... Todos vinham para aprender as técnicas do Graffiti. Logo após começarmos a fazer trabalhos sociais gratuitos, fomos informados por amigos de órgãos públicos de que o que fazíamos era similar ao trabalho de uma ONG (Organização Não Governamental). Faziam parte do grupo: Alex Nascimento, Robson, Ema e eu. Alugamos um espaço físico próximo à linha do trem, e a partir daí conhecemos a Organização FASE SAAP, em Botafogo (Lorenzo Zanetti e Cléia). Também conhecemos o Marcelo Yuka, Júnior, da ONG Crescer e Viver e o secretário de cultura João Luis de Sousa. Todos nos ajudaram a iniciar nossa organização institucional. Após alguns anos, mudamos para o maior bairro da América Latina, chamado Jardim Catarina, onde nos estabelecemos por alguns anos e criamos diversos cursos sócio-educativos para atender as necessidades da comunidade. O Graffiti sempre foi a atividade principal.

COMO FOI SUA TRAJETÓRIA DE ESTUDOS PARA DESENVOLVER SEU ESTILO, ATÉ CHEGAR AO ATUAL?

Sempre curti HQ. Os desenhos que fazia nas marquises eram no estilo animado, mas depois que comecei a colorir senti a necessidade de explorar novos efeitos. Mesmo sem informação, insistia e alcançava resultados. Pela dificuldade de manuseio, tive que mudar meu estilo, pois era difícil passar para a parede com o spray o que eu desenhava no papel. Anos depois, com maior domínio do spray, passei a fundir novas técnicas com novos desenhos, isso em 1997. Na época não havia muito material informativo sobre Graffiti, e passei então a me basear em fotos de pessoas e o que elas faziam, o que me ajudou muito a estudar comportamentos, e por trabalhar em ONG, meus desenhos pegaram muito embasamento político e social. Mas minha maior influência para que evoluísse aquele estilo foram os trabalhos comerciais (sem grana para comprar latas, tinha que tramar com o Graffiti comercial para arrumar material). Com essa prática, muita gente pedia desenhos em outros estilos, e com isso busquei saber fazer de tudo: personagem, letra, bomb, cenário, design, fragmentos, abstrato... Curto muito criar, por isso os meus desenhos são diferentes uns dos outros. O que sempre foiquei foram as cores, que ficaram como marca, mesmo introduzindo outras cores no fundo de meus personagens. Tenho feito muitas raízes, estou num momento muito especial da minha vida e fiz esse tema. Há alguns anos, fiz um trabalho para uma amiga na Gávea, a Márcia Lince, do grupo Afonjah, e logo após para a jornalista de moda Érika Palomino. Interessante que foi tudo em cima do mesmo tema. Com liberdade, juntei tudo o que havia feito durante esses tempos e a “feijoada” ganhou substância. mas tenho muito que



COCAÍNA





“O QUE MAIS ADMIRO SÃO AS CALIGRAFIAS DAS PIXAÇÕES DO RIO DE JANEIRO, QUE UTILIZO COMO REFERÊNCIA PARA A CRIAÇÃO DAS MINHAS LETRAS”

aprimorar, não consigo ficar muito tempo repetindo. Comparo minhas árvores com o ser humano: raízes são o fundamento. Quando faço grande raízes, elas são o grande fundamento, e quando faço alguma mensagem de perdição introduzo pequenas raízes, que no caso são superficiais, sem ligação, sem profundidade. Pego elementos como vasos quebrados e interpreto como expansão, crescimento, abandonar a área de conforto, deixar Deus lhe quebrar, agir em sua vida para que haja crescimento. Vários frutos ou mudas, já crescendo, são relacionados ao que você produz ou ao que você investe em sua vida: coisas passageiras ou eternas. As ampuhetas refeitem o tempo acabando, relacionado a uma passagem do livro da vida do profeta Isaías, que diz: “Buscai ao Senhor enquanto se pode achar”, e por aí em diante. Relação de eternidade, Deus e o homem quando ele quer. Sei que são fragmentos subliminares, nem todos vão decifrar. Mas é sentimento e consigo passar expressão através destes detalhes, e às vezes, quando quero que entendam, escrevo mensagens ou explico no momento. Todos os desenhos, quanto a expressão pessoal, são o que você está vivendo ou vai viver. Em ação e ato, minha arte não se faz diferente dessa realidade.

QUAL SEU PONTO DE VISTA SOBRE O CRESCIMENTO DO GRAFFITI DENTRO DE GALERIAS DE ARTE? FALE SOBRE SUAS EXPOSIÇÕES E O MERCADO EM GERAL.

Acho muito bom. No Brasil temos artistas com história, capacidade e estilo para expor seus trabalhos em galerias. Das exposições que participei, as mais importantes foram as de 2001, pois foi a primeira exposição de Graffiti no Rio de Janeiro, conjunta com o Ema, na Galeria LGC, no Centro do Rio. A metade das telas foi para Madri, na Espanha. A de 2004, que foi uma conjunta no MAC de Niterói, foi uma ótima experiência, até mesmo por ter a participação dos representantes do





Museu do Andy Warhol, de Nova York. O intercâmbio foi ótimo. E a minha última, que foi individual, em 2006 no Espaço Constituição no Centro do Rio de Janeiro. Representei o cotidiano dos cariocas no Rio. O título foi "Eco do Rio". Foi muito bom, pois usei impressões com máquinas de última tecnologia para diversos suportes e tecidos. Teve até impressão em azulejos com relevô. Conseguimos enquadrar na Lei de Incentivo à Cultura e tivemos patrocínios como o do Chocolates Garoto e Studio Alfa. No Rio de Janeiro falta

VOCÊ PODERIA DESCREVER A CENA NO RIO DE JANEIRO? ANTES E HOJE?

Antigamente, pintávamos mais à noite, devido ao calor do Rio, a tranquilidade e a ação do impacto. Era muito mais curtidão, também pela nossa idade. Hoje em dia temos mais responsabilidades, não temos muito tempo para pintar com alguns amigos, até mesmo porque me mudei para a Tijuca e fica mais distante da minha terra. Antigamente havia poucas pessoas pintando, já a cena de hoje é a geração "Oficina de Graffiti". Muitos fazem por moda, e a minoria porque quer seguir isto em sua vida. Mas é aquilo, as modas passam! Antes ninguém rasurava os graffitis, e hoje é diferente. Por causa de algumas pessoas que pintam há menos tempo, não generalizando, mas alguns não respeitam o espaço que todos devem ter.

HOJE, QUAL É SUA LIGAÇÃO COM OS TRABALHOS SOCIAIS RELACIONADOS AO GRAFFITI?

A maioria dos grafiteiros do Rio de Janeiro, por suas condições financeiras e por essa realidade que o morro é dentro das cidades, têm contato direto, e a cultura de conviver com todas as classes sociais. Com essa pegada de apoio mútuo, vários foram para essa vertente de dar aulas e aprender em trabalhos sociais e cursos particulares. Em São Gonçalo, onde tudo começou a se desenvolver, fazíamos trabalhos sociais e não sabíamos, tanto que tivemos orientação para nos organizar como uma ONG devido às dificuldades financeiras que a ONG ASACC passou no município de São Gonçalo. Infelizmente, tivemos de parar com os trabalhos. Alguns anos depois fui contratado pelo Programa "Art Luz" que atua em Macaé e é o maior projeto de desenvolvimento comunitário por meio da arte dentro da cidade. Esse trabalho com o Graffiti é desenvolvido juntamente com o grupo Kolírius. Também trabalho na "Aplauso" da Prefeitura do Rio, lecionando para alunos que em sua maioria são da Rede Pública de Ensino. O que curto fazer é dar aulas para jovens de classe média baixa, pois pelo meu passado, me sinto na obrigação de retribuir. Sei que muitos grafiteiros falam: "Graffiti se aprende na rua!". Claro, aprendi na rua e sempre vou pintar na rua, como faço até hoje. Realidade cada um tem a sua. Meu sonho quando criança era fazer um curso de desenho, mas meus pais nunca tiveram condições de pagar um curso particular, e por meio do Graffiti cheguei a lugares em que nunca sonhei estar. Tento passar, com o pé no chão, o mesmo sonho que tive para vários jovens, que passam pela mesma realidade que passei.

EM CERTO MOMENTO DA MINHA VIDA COMECEI A FAZER GRAFFITIS POR ENCOMENDA DE TRAFICANTES DO RIO DE JANEIRO, E VÁRIOS DESSES GRAFFITIS JÁ APARECERAM EM PUBLICAÇÕES, ILUSTRANDO MATÉRIAS DE OCUPAÇÕES DO BOPE EM FAVELAS.

mais organização por parte dos artistas para expor no exterior, porque em São Paulo vejo um crescimento na organização para essas ações.

EM RELAÇÃO AOS ARTISTAS GRINGOS, QUEM VOCÊ CONSIDERA NO GRAFFITI E NA ARTE EM GERAL? E OS BRASILEIROS?

O que mais admiro são as caligrafias das pixações do Rio de Janeiro, que utilizo como referência para a criação das minhas letras, principalmente as caligrafias de Niterói e São Gonçalo, até 1998. Tenho que aperfeiçoar, mas é tempo de estudos. Quanto aos personagens, me inspiro na cidade do Rio e no comportamento dos que ilustram nossa cidade com sua arte de viver. Do estilos dos gringos, gosto dos wild styles do Dare e Reso. Amo a arte dos brasileiros, os estudos e o desenvolvimento que tiveram suas artes e estilos, como o Portinari, Akuma, Does, Onesto, Gêmeos, Speto, Chico Science, Binho, Cobal, Vick Muniz.

EM RELAÇÃO À RELIGIÃO. COMO E POR QUE VOCÊ BUSCOU ESSE CAMINHO?

A busca da verdade e a experiência com Deus sempre fizeram parte de minha vida. Em certo momento, comecei a fazer graffitis por encomenda de traficantes do Rio de Janeiro, e vários desses graffitis já apareceram em publicações, ilustrando matérias de ocupações do

FRANK3D / ECO - BH 08



"REPENTINAMENTE AO EXTREMO NÃO CONSEGUI MAIS SUPORTAR AQUILO EU COMEÇO A FALAR EM LÍNGUAS ESTRANHAS, SEM ENTENDER O PORQUE DAQUILO, MAS COM UM POUCO DE EXPERIÊNCIA POR ESTAR FREQUENTANDO ESTUDOS NA IGREJA ENTENDI QUE EU ESTAVA SENDO BATIZADO COM O ESPÍRITO SANTO..."

BOPE em favelas. Comercializava meus trabalhos e ganhava grana, que aos meus olhos parecia fácil. Mas foi uma época que me afundei em relação a caráter, por decorar e receber um dinheiro da desgraça e degradação de muitas pessoas e famílias. Me lembro de um depoimento do músico Marcelo Yuka, quando falava que era amigo do traficante Marcinho VP. Na época em que o Marcinho morreu, um comentário conjunto sobre o início do movimento Hip-Hop no Rio de Janeiro, que acontecia no Morro Dona Marta, ele dizia: "Para mim é super empolgante falar para algumas pessoas que sou amigo do Marcinho VP, mas a todo momento o crime ainda é errado na sociedade, apesar de suprir a comunidade, e a polícia, apesar de suas grandes falhas, ainda é a certa" Essa composição de certo e errado, para mim sempre falou muito forte, e em minha confusão mental, eu estava fazendo o certo ou o errado pintando em comunidades? Era uma luta, pois achava que estava realizando um trabalho comercial como para qualquer outro cliente, e não pensei errado. Mas a procedência do dinheiro nunca me foi proveitosa. O dinheiro acabava rápido e sempre os investimentos davam errado. Foi então que comecei a ver que sua procedência era amaldiçoada. Dinheiro de morte e destruição não traz bons segmentos. Meu trabalho como um dos diretores da ONG estava desgastado, com várias acusações pelos trabalhos em morros, e isso se tornou um círculo vicioso, pois mentia, dizendo que havia parado e continuava pintando, porque o tramite de negociação era muito fácil, por causa da "amizade" com outros chefões mais conhecidos, como "frentes ou donos dos morros". Ganhei "credibilidade". Estava muita bem, a meus olhos, e sempre com muita grana, mulher e respeito dos jovens por conhecer



"os caras". Eu dizia: "Essa é a vida que pedi a Deus." Percebi que tudo o que queria já tinha, mas vi que o vazio continuava. Cansei e larguei tudo... Terminei namoro, larguei algumas drogas e mal saía de casa. Até que uma pessoa me convidou para realizar um trabalho numa comunidade a serviço do Estado. Estávamos no painel, eu e meu amigo Fada, e representávamos um desenho de como eu estava me sentindo no momento. Eu retratava um cara no alto de um monte pensando e olhando para cima, e duas árvores com poucas raízes no formato de nossas letras wild style, similar ao que tenho feito atualmente. Meu telefone tocou e era uma amiga me chamando para ir a uma igreja com ela. Após muita insistência, ela me convenceu. Ao anoitecer fui com ela à igreja chamada "Comunidade S8", em São Gonçalo. No primeiro instante fiquei impressionado com a diversidade de pessoas e estilos variados; senti uma enorme paz em estar ali e comecei a frequentar todos os finais de semana. Também comecei a estudar, a ler a bíblia e praticar seus ensinamentos.

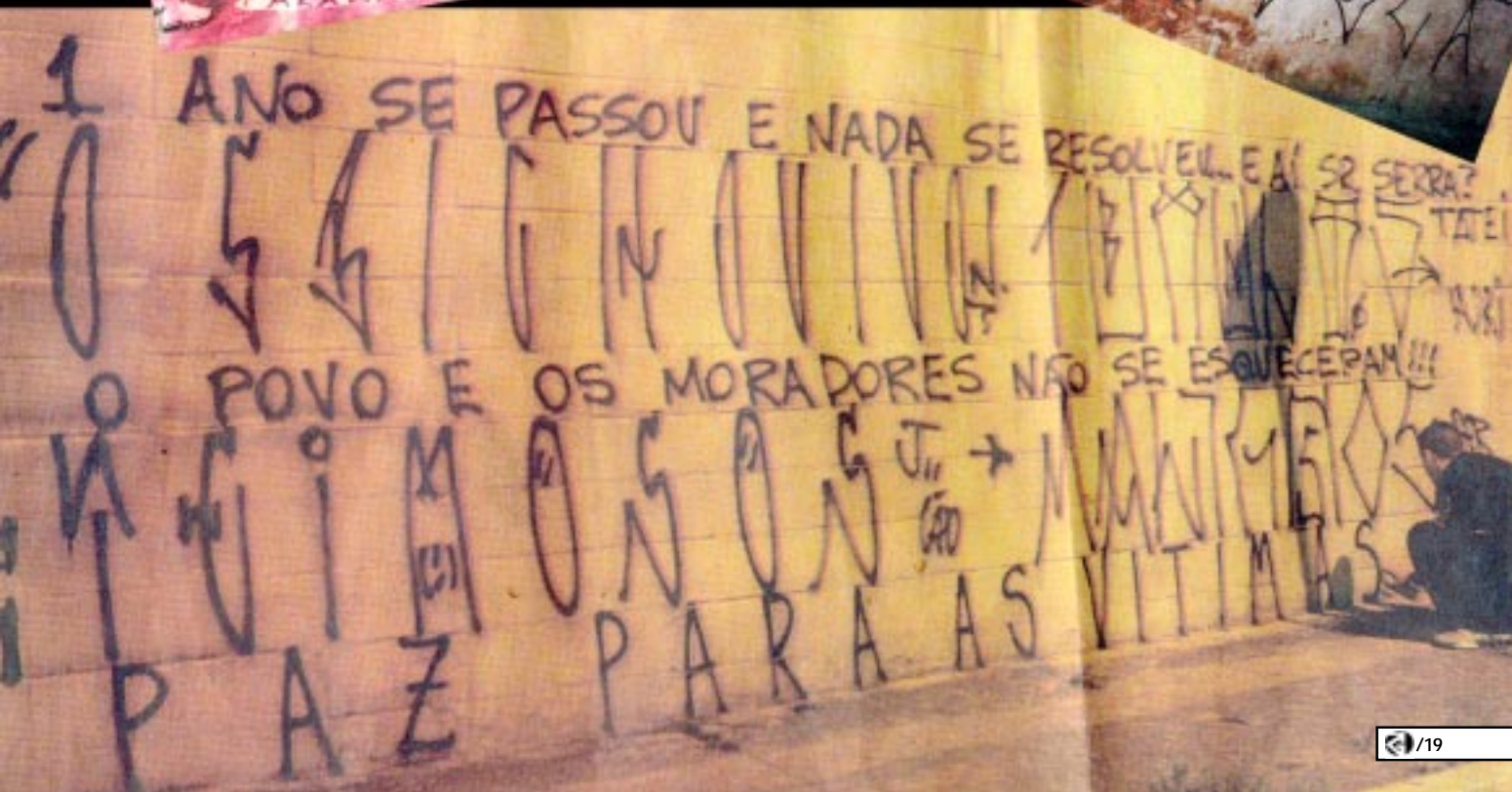
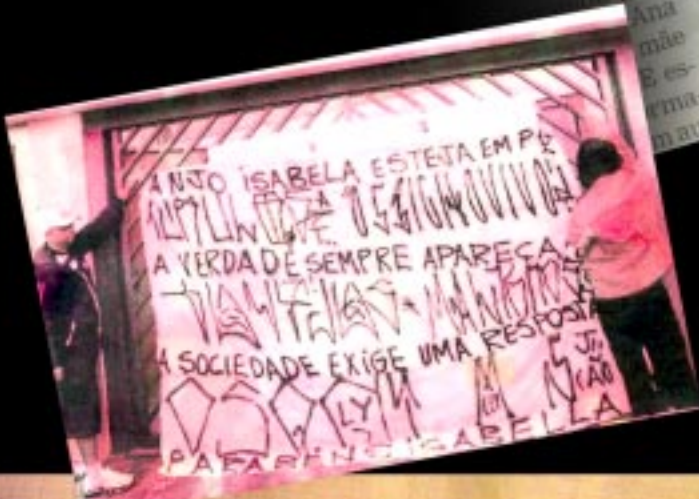
Para saber mais sobre os projetos:
www.artluz.org / www.aplausorio.org / www.s8rio.com

Justiceiros da Tinta

por: Binho Ribeiro

ATITUDE DE ALGUNS GRUPOS DE ESCRITORES EM PROTESTO CONTRA A VIOLÊNCIA E O DESCASO DA JUSTIÇA, DIVIDEM A OPINIÃO PÚBLICA E CRIA NOVOS CONCEITOS PARA OS ESCRITORES DE RUA.

"Nosso objetivo é mostrar a nossa marca através da pixação para a sociedade, para que dessa maneira o povo entenda que a pixação já faz parte da cultura das grandes metrópoles brasileiras, e que não estamos satisfeitos com tantas injustiças, desigualdades sociais e falta de oportunidade para o povo carente. Enquanto isso, vamos pixar eternamente". (MALIGNOS_ser)



Justiceiros da Tinta



COMO VOCÊS COMEÇARAM A FAZER PIXO COMO PROTESTO? Eu comecei a fazer em janeiro de 2007, quando fui com meu irmão (Feu) e o Eto (OS Q.N) a um bar em Pinheiros com o Tatei. Era dia 13 de janeiro, sábado, um dia após a tragédia do Metrô Pinheiros, em São Paulo. Ficamos lá a tarde toda bebendo cerveja e trocando idéia. Mais tarde, revoltados com a situação, resolvemos protestar e chegamos lá na Rua Capri, no final do dia, a poucos metros da cratera do metrô, no prédio em que os moradores foram obrigados a deixar o local, pois havia risco de novos desabamentos. De lá para cá, formamos um time e foram sucessões de protestos. (MALIGNOS_ser)

QUAL O MAIS IMPORTANTE?

O mais importante sempre é o último, que é o assunto do momento. Existem os que têm mais destaque na mídia, e outros que às vezes nem aparecem. Acredito que no nosso caso o que mais causou impacto na sociedade foi o do caso da morte da menina Isabella Nardoni, que chocou o mundo inteiro, e muita gente acompanhou os fatos no jornal impresso e na TV, e pôde ver ao vivo a nossa faixa estampada no portão do Sr. Antonio Nardoni, pedindo justiça. (MALIGNOS_ser)

QUAL FOI A REAÇÃO DA SOCIEDADE EM RELAÇÃO A ESSES PROTESTOS?

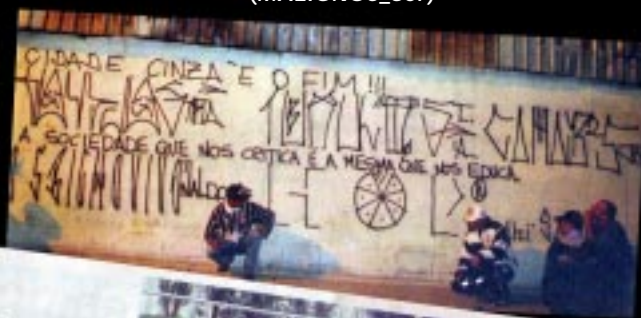
A maioria das pessoas que discute as relações sócio-econômicas, que sentem vontade de se expressar mas não podem, aprovam. Mas também têm aquelas pessoas que não fazem nada para melhorar e ainda julgam nossos protestos como puro vandalismo, ou um meio de se aparecer na mídia. (MALIGNOS_ser)

OS PROTESTOS FIZERAM AS PESSOAS VEREM OS PIXOS DE OUTRA FORMA?

Acredito que na maioria sim, pois quebramos aquele paradigma de que todos os pixadores são marginais, sem instrução ou emprego, e que estão nas ruas apenas para sujar a cidade, se drogar e entrar no mundo do crime. Nós também fazemos parte dessa sociedade e não podemos fechar os olhos para ela. Mas é claro que existem aqueles mais conservadores, que sempre vão achar que a pixação é apenas vandalismo. (MALIGNOS_ser)

DE QUE MANEIRA VOCÊS ACHAM QUE ISSO PODE INFLUENCIAR OS JOVENS ESCRITORES (PIXADORES)?

Alguns podem se inspirar e ver a pixação de uma forma mais racional e seguir o mesmo caminho, pois depois que nós começamos, muita gente tentou fazer o mesmo. (MALIGNOS_ser)



A MAIORIA DAS PESSOAS QUE DISCUTE AS RELAÇÕES SÓCIO-ECONÔMICAS, QUE SENTEM VONTADE DE SE EXPRESSAR MAS NÃO PODEM, APROVAM.

Mais cinco espanhóis são impedidos de entrar no país

Jovens picha muro de São Paulo, durante a manhã, acidente da TAM. Pel explosão da aeronave



Em São Paulo, pichação no prédio que abriga o Consulado Espanhol protesta contra reparações

ME CONTE UM POUCO SOBRE VOCÊ E SOBRE O GRUPO.

Eu sou o Sergio, integrante desde o início do grupo MALIGNOS, que foi fundado em 1997 na região sudoeste de São Paulo. Atualmente o grupo é formado por 7 integrantes: (Ser, Snup, Caz, Mky, Le, Feu e Bco), também já teve o "Boca", que infelizmente morreu em dezembro de 2000. Nós sempre fomos amigos, independente de pixação, e o nosso objetivo inicial foi espalhar nossa marca pela cidade por simples diversão e curtir as noites de São Paulo, pois naquela época ninguém queria saber de estudar ou trabalhar. Hoje, depois de muito esforço, sou graduado em Administração, trabalho na área, sempre que posso faço meu rolê e estou cercado de amigos. Gostamos de festas, bebidas e baladas. Atualmente alguns estão sossegados, curtindo a família, mas sempre unidos e acompanhando as pixações pelas ruas da cidade. (MALIGNOS_ser)

EXISTE ALGUM OBJETIVO NESSA JORNADA?

Nosso objetivo é mostrar a nossa marca por meio da pixação para a sociedade, para que dessa forma o povo entenda que a pixação já faz parte da cultura das grandes metrópoles brasileiras, e que não estamos satisfeitos com tantas injustiças, desigualdades sociais e falta de oportunidade para o povo carente. Enquanto isso continuar, vamos pixar eternamente. (MALIGNOS_ser)

PARA FINALIZAR, GOSTARIA DE DEIXAR ALGUM RECADO PARA QUEM VAI LER ESSA MATÉRIA?

Gostaria que você, Caro Leitor, refletisse sobre o assunto, pois antes de condenar um pixador, cuidado, ele pode ser seu filho ou um parente próximo. Não julgue as pessoas antes de conhecê-las. No mundo da pixação existem diferentes tipos de pessoas, e quem você menos imagina está pixando a cidade. Não existe sexo, classe social, cor, crença, idade, mas prevalece o respeito, a disciplina e a amizade, e é claro, para ser pixador tem que ter coragem e uma dose de loucura. Um grande abraço a todos que nos prestigiam. (MALIGNOS_ser)

"NÓS FAZEMOS ESSE TIPO DE PROTESTO PORQUE CANSAMOS DAS INJUSTIÇAS QUE NOS RODEIAM. É JUIZ QUE ROUBA E FICA EM CASA, EXPREFEITO, QUE TAMBÉM ROUBA E FICA EM CASA, PROMOTOR QUE MATA E FICA EM CASA, GANHANDO 18 MIL REAIS, CRIMES CONTRA CRIANÇAS INDEFESAS, CRIMES CONTRA IDOSOS... TEM GENTE QUE NÃO TEM CONDIÇÕES DE COMPRAR UM MÍSERO POTE DE MANTEIGA E VAI PARAR ATRÁS DAS GRADES INJUSTAMENTE. NÃO QUE A PESSOA ESTEJA CERTA EM ROUBAR, MAS QUE CUMPRISSE OUTRO TIPO DE PENA, COMO TRABALHO COMUNITÁRIO. PARA QUEM CAI NA CADEIA, É DIFÍCIL VOLTAR A SER O QUE ERA ANTES. JUNTAMOS NOSSAS VONTADES DE PIXAR COM AS NOSSAS INDIGNAÇÕES E FOMOS PARA CIMA DA SOCIEDADE DESABAFAR E COBRAR DE QUEM ESTÁ ERRADO E FICA IMPUNE. SEI QUE NINGUÉM, NENHUM GOVERNADOR, PREFEITO, ENFIM, NENHUM POLÍTICO SAFADO VAI NOS RECEBER, MAS SÓ EM SABER QUE ESTAMOS INCOMODANDO, JÁ ESTÁ DE BOM TAMANHO. MUITOS DESSES CRIMES PASSAM DESPERCIBIDOS, MAS SE DEPENDER DE NÓS, ISSO NÃO ACONTECERÁ, PORQUE ENQUANTO TIVERMOS SPRAYS, QUE É A NOSSA ÚNICA ARMA, IREMOS PROTESTAR SIM, E COBRAREMOS DE QUEM DEVE SER COBRADO. ESTAMOS NISSO HÁ DOIS ANOS E NÃO PENSAMOS EM PARAR. SE ISSO ACONTECER, QUE VENHA OUTROS PIXADORES COM O MESMO INTUITO E CONTINUEM O QUE COMEÇAMOS.

QUE ISSO SE ESPALHE PARA OUTROS ESTADOS DO BRASIL, PORQUE A VIOLÊNCIA NÃO ESTÁ SÓ AQUI EM SAMPÁ, ESTÁ NO MUNDÃO. SE TODOS NÓS PIXADORES NOS UNIRMOS, FICARÁ DIFÍCIL NOS COMBATER. ENQUANTO DEUS NOS PERMITIR VIVER, CONTINUAREMOS COM OS JUSTICEIRSO DAS TINTAS. PIXAR É ARTE, PIXAR É PROTESTAR, PIXAR É HOBBY, PIXAR É FAZER AMIZADES. PENSEM NISSO, GALERA.

ASS:TUMULOS (TATEI)



"NOSSO OBJETIVO É MOSTRAR A NOSSA MARCA POR MEIO DA PIXAÇÃO PARA A SOCIEDADE, PARA QUE DESSA FORMA O POVO ENTENDA QUE A PIXAÇÃO JÁ FAZ PARTE DA CULTURA DAS GRANDES METRÓPOLES BRASILEIRAS, E QUE NÃO ESTAMOS SATISFEITOS COM TANTAS INJUSTIÇAS, DESIGUALDADES SOCIAIS E FALTA DE OPORTUNIDADE PARA O POVO CARENTE. ENQUANTO ISSO CONTINUAR, VAMOS PIXAR ETERNAMENTE" (MALIGNOS_SER)



Hall of Fame



Pumoky (Ribeirão Pires/08)



SWK (RJ/08)



Julio, Dhead, Sins, Prisk, Sank25, Bigod, Prusik, Sluts (Salvador/08)





Mark 1, Nie e Sufre (SP/08)



Does, Binho, Terone, Saidick, Graphis, Snek (SP/08)





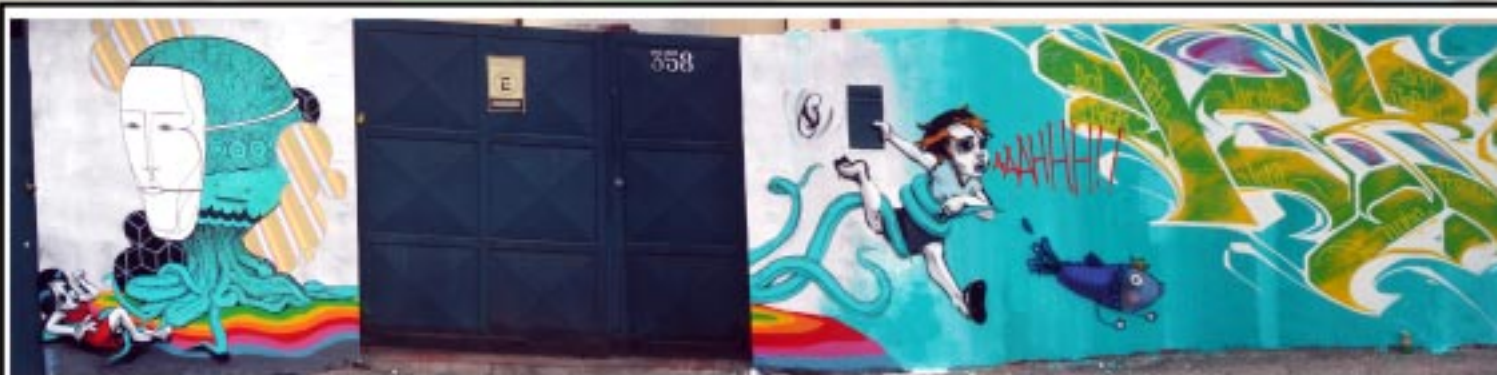
Ch2 (RU/08)



Hall of Fame



Tot e Edman (BH/?)





Mafum (Brasil), Pato (Brasil) e Faiz 47 (África do Sul) em (SP'08)



Brown (SP'08)



Okuda (Espanha), Tinho, Kress (Japão), Presto, Fate (Japão), Binho em (SP'08)

Hall of Fame



Mar e Vespa (São José dos Campos - SP 2008)



Ken e Mosh (Belo Horizonte - MG 2008)



Bart, Nick, Roko e Script (SP/2007)



Pifo e Leone (São Paulo - SP 2008)



Horo e Nick (São Paulo - SP 2008)



Bts e Roko (São Paulo - SP 2008)



Ed Mun e Nica (Belo Horizonte - MG 2008)



Shock, Cost, Akypira e Graipis (São Paulo - SP 2008)



Alô, CNZ, Staf, Sore, Searky, Jet, Dama, Sisk, Rera e Berra (Rio de Janeiro - RJ 2003)



Kap, Clé e Alô (Rio de Janeiro - RJ 2008)



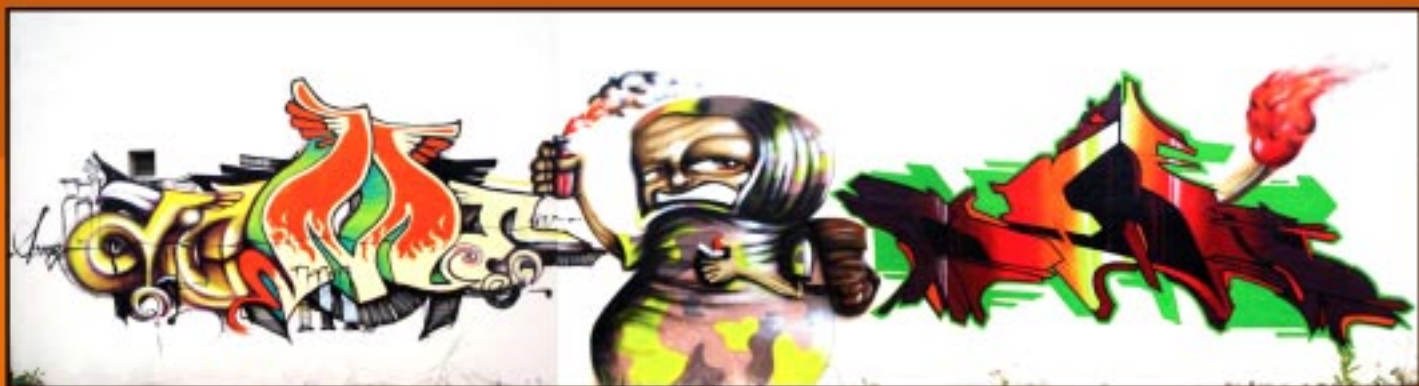
Tes e Jor (Cuiabá - MT 2009)



Rádio, Cap2, Poika, Akypira, Mopa, Cap, Dama e Pina (Salvador - SP 2008)



Pink, Prisk, Jato, Dagal, Sora e Sack27 (Salvador - BA 2008)



Annie, Gede e Aug (Vila Velha - ES 2008)

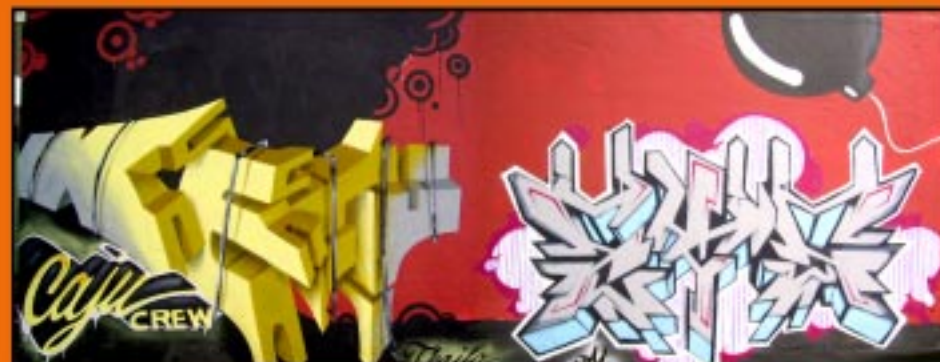


Paulo & Roldão e Pizarri (Lapa - SP 2008)





C12 e Afa (Rio de Janeiro - RJ 2008)



Keni, Eto, Dreg, Orig e Aze (Osasco - SP 2008)



Seres e Múscas (Belo Horizonte - MG 2008)



Pere e Akpen (São Paulo - SP 2008)



Feli (São Paulo - SP 2008)



Yuno (Jandira - SP 2008)



Sigra (Jaguari - SP 2008)





Uma, Oito, Nôdo e Lax (Belo Horizonte - MG 2006)



Fel Mau (Belo Horizonte - MG 2006)



It's a Nick (São Paulo - SP 2006)



Dotu (Cotigara - MG 2006)



Messid (São Paulo - SP 2006)



Bonzi, Ngf, Vibe e Zack (Belo Horizonte - MG 2006)



Rolo Chato André - SP 2008



Neno e Feli (São Paulo - SP 2008)



Cazu, Mesa, Heli, Fu e Gato (Rio de Janeiro - RJ 2008)



Moad e Rau (Belo Horizonte - MG 2008)



Ed Maz, Diabólo e Vespri (São José dos Campos - SP 2008)



Marcos (Belo Horizonte - MG 2008)



Celo (Belo Horizonte - MG 2008)



Ch2 (Rio de Janeiro - RJ 2008)



Nogueira (São Paulo - SP 2008)



Supro (Goiás - SP 2008)



Pirek, Sigal e Siva (Salvador - BA 2008)



Farnes, Sadr21 e Nave (Salvador - BA 2008)



Supro, Supro e Mega (São Paulo - SP 2008)



Sotag, Kato e Jange (São Paulo - SP 2008)



Dest e Fer (São Paulo - SP 2008)



Farnes (Vitória - ES 2008)



Heli, Surf, Ch2, Brazy, Mena e Mga (Rio de Janeiro - RJ 2008)



Tor e New (Campana - MG 2008)



Dani e Roko (Santo André - SP 2008)



Nck, Artson, Jelo, Bado e Graffia (São Paulo - SP 2008)



Frank, Eon, Core, Nado, Pisco/Pato Ricos, Laci27 e Doco (Itajaí - SC 2008)



Saak e Torano (São Paulo - SP 2008)



Alapex, Moque e Fred (São Paulo - SP 2008)



Saak25, Leo27, Furone, Black, Paul e Nikol (Salvador - BA 2008)



Ana, Kati, Otzi, Akuma e Paul (Salvador - BA 2008)





Sotaj, Chambi, Lafanba e Bailey (São Paulo - SP 2008)



Doc, Keta e Origi (Osasco - SP 2008)



Dak2, Alopex, Miranai, Terence e Ciro (São Paulo - SP 2008)



Wii e Aoki (Mauá - SP 2008)



Servo, Tot e Boto (Cotia - MG 2008)



Rapp e Rok (Viamontes - SP 2008)



Ch2, Ab e Berto (Ribeirão Preto - SP 2008)



Neto, Menez, Origi, Guerra, Duan e Getão (São Paulo - SP 2008)



Ed Mau (Belo Horizonte - MG 2008)



Lulu, Lagarto e Azevêdo (Duckman - SP 2008)



Paul e Muzão (Salvador - BA 2008)



Kim e Mash (Belo Horizonte - MG 2008)



Negro, Sank25, Bland, Pivô e Sesi (Salvador - BA 2008)

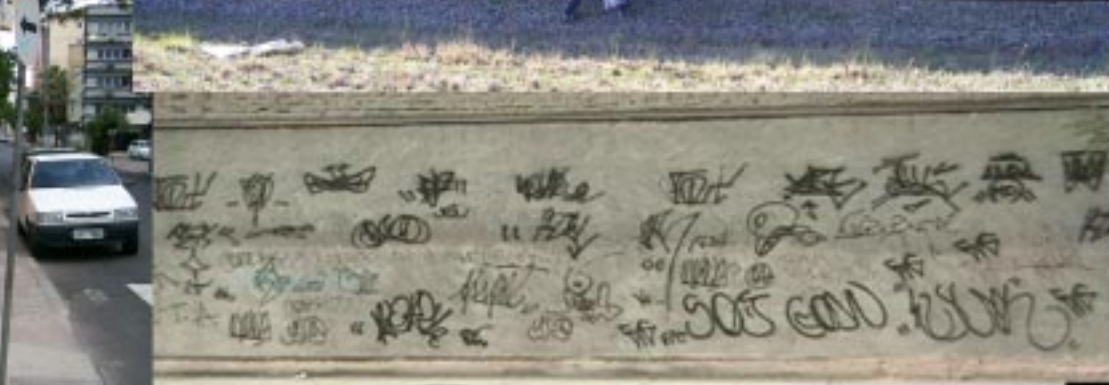


Marc, Ag e Jone (Vila Velha - ES 2008)



Isaura (Jundiaí - SP 2008)





1º Bienal Internacional de Graffiti em Belo Horizonte

O

homem precisa pintar, se expressar, notar e ser notado. Desde nossas origens, dos macacos aos primatas, talvez este seja nosso sentimento mais humano.

Ao longo de nossa história, sempre estivemos próximos desse sentimento, dessa vontade de se expressar, protestar ou por prazer. Nas cavernas, no Egito, sejam feitos por Gregos, Incas ou Maias, escritas ou desenhos contam nossa história, muitas vezes feitos de forma ilegal, autêntica e espontânea.

Em meio a toda essa tendência natural do ser humano, tivemos em diversos momentos verdadeiras revoluções na arte, e comportamentos retratados por artistas e grandes pensadores.

No final dos anos 60, surge nos guetos de Nova York uma manifestação artística que poderia ultrapassar o preconceito e a discriminação sofrida por negros, latinos e imigrantes.

Como ser notado, sendo pobre e excluído da sociedade? Este foi o conceito da origem de uma cultura: colocar o nome nas ruas, ser respeitado, buscar a fama através da divulgação de seu nome ou de um conceito.

Surgiu o "Graffiti", nome que vem do italiano "graffito" (escrita). Aparece, cresce e logo está espalhado pelo mundo, tendo como seu maior divulgador o Hip-Hop, uma cultura urbana formada por 4 elementos: DJ (música), Graffiti (arte), Break (dança), MC (poesia). Assim a sociedade pôde prestar atenção à arte que era produzida no subúrbio, e o Graffiti, já nos anos 70, com a pintura ilegal nos trens de Nova York, chegou aos livros e filmes, que logo chegaram ao mundo.

Começaram também a se apresentar como escritas, pixações, máscaras de stencil, murais e intervenções nas grandes cidades. O Street Art já faz parte da vida dos moradores das grandes capitais no mundo inteiro, absorvendo diferentes culturas e formas de se expressar, tendo em seu conteúdo sentimentos, relatos e protestos, podendo levar vida e comunicação a qualquer um, pobre ou rico, normalmente se adaptando à estética já desgastada da cidade ou burlando alguma regra para se manter viva. Com grandes conquistas, resultantes de muita luta contra discriminação, preconceito e conservadorismo, abrimos muitas portas no mercado, em especial com a população, que se encanta com a nossa arte.





No Brasil, onde a educação e a arte ficam muitas vezes em segundo plano, a ação dos artistas urbanos vem por conta própria, mudando esse cenário e apresentando ao mundo grandes artistas, possibilidades e caminhos, seja no social ou mesmo no enorme mercado, que se fortifica consolidando os profissionais e deixando para os mais novos a certeza de que se pode viver de arte.

A 1ª Bienal Internacional de Graffiti, realizada em Belo Horizonte, Minas Gerais, parecia um sonho, algo inalcançável para uma vertente da arte tão marginalizada, e na maioria das vezes discriminada até por alguns de seus maiores ídolos, uma pena.

Com a presença de grandes nomes da cena mundial e representantes de várias cidades do Brasil e do mundo, esse evento promete muito mais do que a ganância e o egoísmo podem conquistar: um grande encontro cultural, ideológico e humilde, feito por verdadeiros guerreiros que acreditam na obra coletiva, social e democrática.

Em meus quase 25 anos de luta por conquistas de nossa cultura, este é um momento especial na história, não só do Brasil, mas de todo o mundo. Algo que pode mudar conceitos ideológicos e discriminatórios sobre nós mesmos.

A todos, muita sorte, humildade e paz.

São Paulo, 21 de agosto de 2008
Binho Ribeiro, Curador





Após a chegada e a acomodação dos artistas, teve início a produção das obras, e é claro, os rolês pela cidade começaram com alguns muros gigantes, onde aconteceram verdadeiros encontros de artistas da Velha e Nova Escola, além de vários outros, em todas as partes de Belo Horizonte.





“O evento foi muito positivo, porque visitei e pintei no Brasil, um lugar que queria muito conhecer. O tratamento da organização foi bastante agradável. Um grande evento, com espaço para vários artistas, um exposição que mostrou grande talentos. Mas a forma de mostrar as obras foi meio confusa, na minha opinião, não se sabia bem de quem era cada trabalho. Mas no geral, os artistas que participaram do evento me trataram muito bem, inclusive me convidaram para visitar suas cidades. Visitei o Rio de Janeiro e a cidade era maior do que eu esperava. Mas a maior experiência foi pintar nas favelas. Um salve e obrigado a todos”

www.okudart.es
 www.myspace.com/okudart
 www.fotolog.com/okuda1
 OKUDA

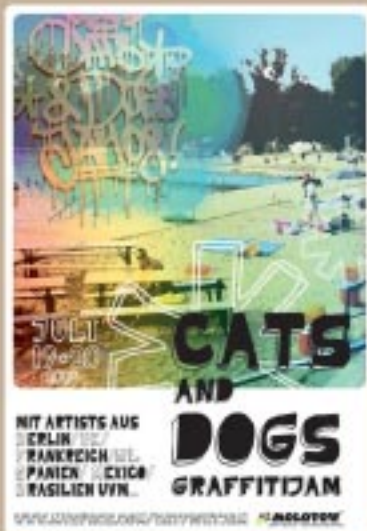
Agradecimentos:

Sara, Marcela, Carol, Nadu, Piero, Guilherme, Matheus, Áurea e a todos os artistas guerreiros, que tiveram grande importância na realização desse sonho. Em especial a Rui Santana, que mostrou que é possível se organizar e produzir grandes feitos como esse. Falecido em dezembro de 2008, que esteja em paz, e que suas conquistas possam ser levadas adiante.



Rui Santana
 Idealizador e coordenador-geral da 1 Bienal Internacional de BH





CATS AND DOGS - BERLIN 2008

Com a intenção de trazer a diversidade de cultura e estilos a serem expostos em uma das cidades mais fascinantes da Europa, aconteceu nos dias 19 e 20 de Julho de 2008, na praia artificial de Strandbad Weissensee, em Berlim (Alemanha), o primeiro festival de graffiti "CATS and DOGS Jam 2008", que contou com artistas de vários países, entre eles uma representante brasileira, DNinja. Além do Evento, aconteceram Workshops e debates sobre o encontro intercultural.

Organizado por Dask e Pussy Soul Food, o evento contou com o apoio da Molotow TV (Belton), Writers Corners e Catfight Magazine. "Além de representar o graffiti brasileiro, tive a oportunidade de participar de uma mesa de debates, onde foi possível falar um pouco de nossa cultura. Foi incrível a oportunidade de fazer novos amigos e pintar junto com pessoas de culturas diferentes em uma cidade como Berlim".

Agradecimentos: Ministério da Cultura, Cajuv (Juventude Cidadã) SBC.



Desta vez, o prêmio Hutuz de 2008 teve como destaque um artista do Vale do Paraíba, o "VESPA". Respeitado por sua técnica e grande divulgador da cultura em São José dos Campos, onde o Graffiti é discriminado, rejeitado e caçado pelo poder público, sendo proibido até com permissão do proprietário. Um caso de censura. E nesse ambiente adverso, Vespa se destacou. Ainda teve a pintura do Cine Odeon, na Cinelândia, e Live Paint durante o Rap Festival, no Circo Voador. Mais informações: www.hutuz.com.br





SESC

Em homenagem ao centenário da imigração japonesa, o SESC Santana fez uma exposição com artistas descendentes e grandes representantes do Street Art.

Artistas: Walter Nomura (Tinho), T. Freak, Paulo Ito, Cisma, Whip, Thais Ueda, Ricardo Ushida, Raquel Uendi e Catarina Gushiken.



FLORIPA

Com muita vontade e disposição, a equipe de Claudio Rios, e os cerca de 20 grafiteiros, cobriram com muitos peixes, e até baleias, os 200 por 7 metros de alto.

Organizado e produzido pela Nação Hip-Hop, o grande mural foi feito em dois dias por artistas de São Paulo e locais de Florianópolis e São José, onde fica a obra, à beira-mar.

Artistas: Binho, Graphis, Nick, Saidick, Vejam, Rizo, RZZ, Gis, Tops, Enjoy, Nova Valdi, entre outros guerreiros.



PROJETO BRASIL - JAPÃO PARADE

Seguindo as comemorações do centenário da Imigração japonesa, o artista plástico Ygut convidou artistas e personalidades para customizar um Toy Art gigante, que ficou exposto em diversos locais de São Paulo.

Entre os artistas participaram: Homero Brito, Titi, Spacca, Nina, Nunca, Speto, Mauricio de Souza, Binho, Xuxa, Sabrina Sato, Ana Maria Braga, entre outros.





DIA DA CONCIÊNCIA NEGRA

Com um evento de Hip-Hop, o 20 de Novembro foi comemorado com a parceria do SESC.

Os MCs, B-Boys, DJs e grafiteiros tiveram seus representantes, e muitas pessoas ganharam um show de graça com bom nível técnico e o respeito que os artistas merecem.

Artistas: Nelson Triunfo, Matéria Rima, Binho, Bonga, Tano, Tsunami, Die Hard, Back Spin, entre outros convidados.



BOLA DE NEVE.

O evento anual de Skate, Som e Graffiti, este ano teve a presença de Boleta, Mea, Fabio Q, Andre, Genu e Profeta.



Poa

Aconteceu em Porto Alegre com apoio da Colorgin e organizado pela Transfer a pintura de um mural na rodoviária e contou com vários artistas locais.



GAS 2008

Em sua segunda edição, o Gás Festival, do guaraná Antarctica, teve Bob Burnquist, Danny Way, Bab Religion, B-Boys e grafiteiros, tudo em um mesmo local gigante, com painéis feitos em shapes de skate. O Graffiti aconteceu durante o evento, que reuniu cerca de 13 mil pessoas. Artistas que participaram: Binho, Anjo, Bonga, Ter, Carlos, Saidick, Teia, Nem, Nick, Shock, Truff, Roko, Snek, Verme, BTS, Gun, Andre, Fumaça, Cocão, entre outros parceiros.





1º ENCONTRO DE GRAFFITI SÃO MIGUEL PAULISTA

O evento aconteceu no dia 14 de setembro, na Zona Leste de São Paulo, organizado por RV, Dumeem e Grillo. Com a participação de mais de 50 artistas e com o apoio de Netinho, a festa contou também com os DJs Calyton e Elvis.

Agradecimentos aos artistas que participaram do evento: RV, GRILLO, DUMEEM, NEGRITO, XYROX, BOZER, CHAMBS, MAUMEKS, ARMAMENTO, VISUAL, BINHO, TTC, PELÉ, ICONE, MIS, OIEH, ROTE, IGNOTO, SHIP, B.O, TURMA44, PEU, NEM, FEIK, CIDRES, TOTÔ, LUCY, FATY, GER, ROD, BLEF, PIKOT, GELO, KI, 8@BATALHAO, DANGER, NAO, CREDOUM, SOU, SANDRA, OCHI, ZIPER, MOSH, PULGS, GIRO, TICO, LAN, JHOW.





SESC RIO

Organizado pelo artista Airá, o projeto teve a presença de grandes nomes do Graffiti, e com uma boa estrutura oferecida pelo SESC, aconteceram palestras, debates, workshops e uma grande pintura, feita em escolas da região de Madureira e Vila Cosmos.





3ºMUNDO



www.fotolog.com/3mundo_point

terceiro-mundo@hotmail.com

Loja Galeria

R. 24 de Maio, 62

3º andar - loja: 468 f: 11-3361-8045

www.myspace.com/teceiromundoshop

Loja Tucuruvi

R. Dr. Antonio Maria Laet, 15

(esquina com Av. Tucuruvi).

www.myspace.com/tresmundo

F: 55 - 11- 2267-0411 / 9786-9293